ENTRE O PENSAR POÉTICO E O PENSAR FILOSÓFICO: JOSÉ MARINHO E OS POETAS

BETWEEN THINKING POETIC AND PHILOSOPHICAL THINKING: JOSÉ MARINHO AND POETS

Renato Epifânio
Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, IF-UP, Porto, Portugal

Resumo: Procuraremos, neste texto, reconstituir o diálogo que o filósofo português José Marinho manteve com alguns poetas – em particular, Teixeira de Pascoaes –, à luz da relação entre o pensar poético ao pensar filosófico, por José Marinho igualmente teorizada.

Palavras-chave: Filosofia, Poesia, José Marinho, Teixeira de Pascoaes

Summary: We seek, in this text, to reconstruct the dialogue that the Portuguese philosopher José Marinho had with some poets - in particular, Teixeira Pascoaes - in the light of the relationship between thinking poetic to philosophical thinking, by José Marinho also theorized.

Keywords: Philosophy, Poetry, José Marino Teixeira Pascoaes

Ainda que nem sempre, explicitamente, o pensamento de José Marinho teceu-se no seu constante diálogo com alguns filósofos – em particular, Sampaio Bruno e Leonardo Coimbra[1]. De tal modo que o seu

[1] Relativamente às obras de José Marinho, usaremos as seguintes siglas e/ou expressões: **Aforismos** (**Aforismos sobre o que mais importa**, "Obras de José Marinho", vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994); **Cor.** (**Correspondência**, vol. do apêndice documental de **A meditação do tempo no pensamento de José Marinho**, Dissertação de Mestrado em Filosofia de Jorge Croce Rivera, Lisboa, UL, 1989); **Doc.** (Apêndice documental de **A Doutrina do Nada**: o pensamento meontológico de José Marinho, Dissertação de Doutoramento em Filosofia de Jorge Croce Rivera, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1998); **EAS** (**Elementos para uma antropologia situada**, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Investigação Pedagógica, 1966); **Ensaios** (**Ensaios de aprofundamento e outros textos**, "Obras de José Marinho", vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1995); **Estudos** (**Estudos sobre o pensamento português contemporâneo**, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981); **Filosofia** (**Filosofia**: ensino ou iniciação?, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Investigação Pedagógica, 1972); **FP** (**Filosofia portuguesa e universalidade da filosofia e outros textos,** "Obras de José Marinho", vol. VIII, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2007); **LNOT** (**Da Liberdade Necessária e outros textos**, "Obras de José Marinho", vol. VII, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006); **NISOT** (**Nova Interpretação do Sebastianismo e outros textos,** "Obras de José Marinho", vol. V, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003); **PFLC** (**O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra**: introdução ao seu estudo, Porto, Livraria Figueirinhas, 1945); **PFLCOT** (**O**

pensamento mais estritamente teorético pode ser mesmo interpretado como uma tentativa de sintetizar essas duas cosmovisões, tão, *a priori*, antitéticas entre si: a brunina afirmando o primado ontológico da homogeneidade originária do ser sobre a heterogeneidade actual do existente, a leonardina afirmando o inverso, fazendo, nessa medida, a apologia deste "mundo de distâncias e separações"[2].

Ainda que, por vezes, de forma tácita, o pensamento de José Marinho teceu-se igualmente no seu constante diálogo com alguns poetas: Antero de Quental, Fernando Pessoa, Guerra Junqueiro e, sobretudo, Teixeira de Pascoaes. Dentre esses quatro poetas, foi, com efeito, Pascoaes aquele cuja obra mereceu de Marinho mais profunda meditação, a ponto de, na nossa perspectiva, algumas das suas teses mais fundamentais não serem senão o desenvolvimento filosófico de algumas intuições pascoaesianas. Eis, em última instância, o que procuraremos aqui verificar, fazendo, para tal, uma breve retrospectiva da relação filosófica que Marinho manteve com estes quatro poetas, também eles, ainda que não na mesma medida, filósofos[3].

Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra e outros textos, "Obras de José Marinho", vol. IV, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001); **SVM** (**Significado e Valor da Metafísica e outros textos**, "Obras de José Marinho", vol. III, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996); **Teoria** (**Teoria do Ser e da Verdade**, Lisboa, Guimarães Editores, 1961); **TP** (**Teixeira de Pascoaes, Poeta das Origens e da Saudade**, "Obras de José Marinho", vol. VI, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005); **VCD** (**Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo**, Porto, Lello & Irmão Editores, 1976).

[2] Como ele próprio escreveu, na sua obra **A Alegria, a Dor e a Graça**: "Como é belo este mundo de distâncias e separações! Que perda não seria reduzir tudo a uma simples unidade possuindo-se!" [**Obras de Leonardo Coimbra**, Porto, Lello, 1983, vol. I, p. 421]. Daí, de resto, segundo Marinho, a subtil, a abissal diferença do pensamento de Leonardo não só em relação ao de Bruno, como ainda ao de Antero – nas suas palavras, para Leonardo "os seres não se anulam, pois que neles se manifesta Deus, a pluralidade não é imperfeição, como o é em Antero ou Bruno, mas expressão de todas as infinitas virtualidades de ser do absoluto" [cf. **PFLCOT**, p. 592].

[3] Não nos debruçaremos aqui sobre a relação entre José Marinho e José Régio, apesar de, para o autor da **Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo,** ele ter sido, igualmente, um poeta de eleição, como atestam as seguintes palavras: "É ele [José Régio] não apenas o homem que com Teixeira de Pascoaes, no juízo vesânico dos melhores, revela entre os portugueses vivos os mais altos dons, como um dos mais nobres e sérios amigos da verdade e inquiridores ou julgadores de responsável juízo" [**NISOT**, p. 321]. Ainda assim, julgamos que quem mais valorizou José Régio foi Álvaro Ribeiro, ao considerá-lo "o nosso maior poeta do paraíso perdido" [cf. **As Portas do Conhecimento:** dispersos escolhidos, Lisboa, Instituto Amaro da Costa, 1987, p. 295], "a figura central da literatura portuguesa no século XX" [cf. ibid., p. 331], tese que desenvolveu na sua conhecida obra **A Literatura de José Régio** [Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1969]. Marinho, diferentemente, considera Régio como "demasiado cristão" [cf. **NISOT**, p. 37], como "o poeta mais humano, ou antropológico, de toda a nossa literatura." [cf. **TP**, p. 283].

1. Entre José Marinho e Antero de Quental

A relação de Marinho para com Antero parece decorrer num jogo de espelhos, tal a sua ambivalência. E isto porque Marinho tanto dele se demarca como dele se aproxima, parecendo até, por vezes, pretender projetar-se por inteiro nele. Eis, nomeadamente, o que acontece em algumas passagens da sua obra **Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo** – a título de exemplo, atentemos nestas:

> Assim, numa época e no seio de uma cultura onde o homem se erguia confiante na sua razão, surge em Antero o enigma do homem para si[4];
>
> Ali onde na promissora juventude fora dada a Antero de Quental a visão intimamente evidente do uno absoluto, surge agora o Nada. No afastamento de um cristianismo sem aparente densidade, sequaz como tantos, antes e depois dele, de um idealismo centrado no homem, não alcança pensar o Nada, quer em termos criacionistas, quer em termos de panteísmo transcendentalista, quer em termos de ateísmo, ou de renovada onto-teologia negativa, como garantia imperecível do trânsito subtil da origem do ser enquanto ser para o princípio espiritual[5];
>
> Tudo quanto, afinal, ante nós perdura é o que nos aparece vazio de ser e de consciência, como se o Nada a cada instante fosse princípio e regressivo fim para toda a ilusão de ser"[6].

Ao considerarmos estas palavras, a pergunta é, de fato, inevitável: de quem é que está Marinho a falar, de Antero ou de si próprio? E isto porque, com efeito, todas as teses que o autor da **Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo** aqui imputa ao autor das **Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX** – seja a tese segundo a qual o homem é, originariamente, ignorante de si, um enigma para si; seja a tese segundo a qual o cristianismo é um "caminho fechado", incapaz de alcançar pensar o Nada, caminho do qual, nessa medida, é preciso afastarmo-nos; seja a tese de que o Nada é, a cada instante, "princípio e regressivo fim para toda a ilusão de ser" – são teses que ele próprio defendeu. Designadamente quando nos disse, na sua **Teoria do Ser e da Verdade**, que "o homem é ser de enigma" e que, por via disso, "o enigma marca o momento solene do encontro do homem consigo mesmo"[7]. Designadamente quando escreveu, num dos seus textos preparatórios da

[4] **VCD**, p. 43.

[5] **VCD**., p. 45.

[6] Ibid., p. 47.

[7] Cf. **Teoria**, p. 27 e 32, respectivamente.

Teoria do Ser e da Verdade, que "a teologia segundo a revelação de Cristo representa um caminho fechado", bem como "a filosofia segundo o 'cogito' ou segundo as determinações da ciência natural"[8]. Designadamente quando nos assegurou, já num texto posterior à **Teoria do Ser e da Verdade**, que "a assumpção do Nada é a água lustral que permite lavar o ser de tudo, nomeadamente o ser divino, de todas as impurezas"[9].

Ainda mais evidente se torna essa projecção se nos detivermos nas palavras iniciais da segunda passagem transcrita[10]. Com efeito, o que Marinho nos está aí a descrever, mais do que o percurso de Antero, é o seu próprio percurso. Para o atestar, atentemos nas seguintes passagens: "Tudo quanto chamamos mal e queda era para ele [Marinho] excluído enquanto pensador do então suposto puro ser e saber da verdade. Era a fase em que ele negava toda a alteração, todo o tempo e ser do tempo, todo o múltiplo [...]. Depois, forçado inevitavelmente a aceitar o que negara, o pensador procurou um termo adequado. Encontrou cisão [...]"[11]; "[…] no princípio o Nada estava para nós fora de toda a consideração"[12]; "Aceite a cisão e a assumpção do Nada partiste [tu, Marinho] no pensamento imoderadamente longo ou fragmentário em busca da verdade da tua juventude"[13]. Segundo o próprio Marinho, algo, no entanto, diferencia irredutivelmente a sua viagem da anteriana. A sua culminou no regresso à "visão", à "verdade" de que partira – como, aliás, ele próprio escreveu, no seguimento da última passagem transcrita: "Seguias primeiro na real noite da tua vida fingida, por entre as trevas da tua alma. Logo, porém, que o mais profundo sentido do que separa em ti surgiu começaste a ver maravilhado que a intacta verdade, na luz, ao fundo de ti, perseverava".

Já, ao invés, a viagem anteriana terá sido, nas palavras de Marinho, uma viagem, uma "odisseia sem regresso"[14]. Daí o seu alegado "fracasso", que Marinho justificou ao tê-lo caracterizado como "muito tímido pensador"[15], como "pensador sempre fragmentário e parcamente sistemático"[16], ao ter-se

[8] Cf. **Doc. II**, p. 102.

[9] Cf. **Doc.III**, p. 161.

[10] Recordemo-las: "Ali onde na promissora juventude fora dada a Antero de Quental a visão intimamente evidente do uno absoluto, surge agora o Nada.".

[11] **Doc. II**, p. 297.

[12] **Doc. II**, p. 365.

[13] **Doc. III**, p. 390.

[14] Cf. **VCD**, p. 202.

[15] Cf. **SVM**, p. 401.

[16] Cf. **TP**, p. 200.

referido à sua "personalidade flutuante", à sua "inquietude angustiada"[17], ao ter denunciado as suas "oscilações"[18], os seus "raptos intermitentes"[19]. Marinho foi, aliás, ainda mais longe. Perspectivando de forma directa o pensamento de Antero à luz dos pressupostos da sua **Teoria**, chega a acusá-lo de ter ficado preso a uma concepção de absoluto ultrapassada:

> Será então pertinente dizer que o Absoluto queda em Antero de Quental como algo indeterminado, não só entre razão e irracional mas entre transcendência e imanência, e ainda também entre Deus, Universo e homem? Em termos clássicos seria um ser de significação potencial entre o que os gregos chamaram *Logos* e o que designaram por *Sofia*. Para tudo dizer mais simplesmente, o Absoluto ficaria neste nosso pensador crucial numa forma clássica, pretérita, como Unidade do ser enquanto ser[20].

Ainda assim, qualificou-o como "o nosso primeiro pensador do absoluto"[21], como o primeiro que entre nós denunciou "os falsos absolutos ou os falsos englobantes do ser e do saber com que uma parte dos homens abjuram o novo conhecimento da divina plenitude do ser e da verdade e o mais amplo e compreensivo reaceder à consciência dos irrefragáveis limites da humana condição"[22].

Esse terá sido, com efeito, o seu "triunfo", cumulativamente, a razão do seu "fracasso" – também nas palavras de Marinho: "Admitir a intuição directa do absoluto, é coisa rara. Nesse caminho foi o nosso Antero vencido, o único verdadeiro dos "Vencidos", como valente herói que, ao pretender forçar o reduto formidável, cai enfim frente às muralhas impassíveis"[23]. Uma vez mais, impossível é, na nossa perspectiva, não ver o quanto Marinho se projecta em Antero – com a diferença, óbvia, de que Marinho, tendo forçado igualmente o "reduto formidável", não terá, porém, "caído enfim frente às muralhas impassíveis". Ainda assim, exortou, Marinho, ao estudo da obra anteriana, dizendo que "estudar o Antero é estudar tudo porque Antero está fechando uma época e abrindo outra"[24]. Sabemos hoje que Marinho nem sempre correspondeu a essa sua exortação – houve mesmo

[17] Cf. **Ensaios**, p. 320.

[18] Cf. **PFLC**, p. 156 (n. 2).

[19] Cf. **Estudos**, p. 67 (n. 11).

[20] **VCD**, p. 54.

[21] Cf. ibid., p. 41.

[22] **VCD**, p. 52-53.

[23] **TP**, p. 508.

[24] Cf. **Cor.**, p. 3.

períodos de afastamento[25]. Em momento algum, contudo, rompeu por inteiro Marinho com – palavras suas, escritas num texto dos anos trinta – "a mais nobre natureza e mais alta personalidade moral de toda a nossa cultura moderna", mesmo que, "ao mesmo tempo, a mais profundamente contraditória"[26]. Prova disso é, aliás, o capítulo dedicado a Antero na sua obra **Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo**, que se inicia retomando essas palavras dos anos trinta: "Surge-nos Antero de Quental […] como o mais vivo e singular sinal de contradição no pensamento português contemporâneo"[27]. Daí, em suma, para José Marinho, a importância – precursora[28] – de Antero de Quental.

[25] Eis, particularmente, o que podemos verificar em passagens de textos dos finais dos anos quarenta e dos anos cinquenta – daí, a título de exemplo, o tê-lo considerado como "filho demasiado dócil do século XIX" [cf. **NISOT**, p. 57], como "o menos visionário dos nossos poetas" [cf. ibid., p. 167], "sempre dramático e incerto" [cf. ibid., p. 387], "sempre dúplice e perplexo" [cf. ibid., p. 526], a quem "faltou o sentido do liame sublime" [cf. ibid., p. 574], daí ainda, enfim, estas suas palavras: "Escreveu Antero de Quental que o entusiasmo é bom porque dinamiza o espírito e a crítica melhor porque esclarece. Quando eu era jovem e inocente, com aquela maldade de pensar irresponsável própria da inocência juvenil, considerava essa máxima como límpida e clara verdade. Hoje sorrio de, neste ponto como noutros, gerações sucessivas terem tomado Antero de Quental por mestre"; "Determinar *tendências* ou traçar *programas de trabalho*, como fez Antero, é propedêutica de pensamento ou tão só de cultura, cai abaixo do efectivo pensar e da séria prossecução da verdade."; "Com os seus dons literários 'prosador', seu velado artifício, ele iludiu aos olhares 'críticos' – e também aos meus olhos juvenis – as dificuldades lógicas intrínsecas do pensamento." [cf. ibid., p. 36, 227 e 348, respectivamente]; "A equivocada geração de Antero continua a dominar e a absorver a mente. E assim, o sentido da mensagem de Leonardo Coimbra e dos que o imediatamente o precedem ou acompanham está injusta e gravemente desatendido ou deturpado." [**Estudos**, p. 107]; "A geração de Antero e de Oliveira Martins perdeu-se ainda, como a dos românticos, em formas de pensamento imbuídas de intenção prática. Desejosos, uns, de salvar a pátria e outros de redimir a humanidade, não segu[i]ram uma via autêntica de pensamento." [**FP**, p. 195]. Daí ainda estas suas palavras, escritas já nos anos sessenta: "Na verdade, à medida que pensadores como Amorim Viana, Cunha Seixas ou Sampaio Bruno começarem a emergir da injusta penumbra, o significado e valor da obra de Antero aparecem cada vez mais condicionais" ["Antero de Quental: a evolução do seu pensamento, de Lúcio Craveiro da Silva". In: **Colóquio-Letras e Artes**, n. 7, Fevereiro de 1960; **FP**, p. 563].

[26] Cf. **Ensaios**, p. 318.

[27] **VCD**, p. 39.

[28] Marinho qualifica-o expressamente como um dos "precursores" [cf. **PFLC**, p. 17], como um dos que abriu "o caminho pelo qual seguiram Bruno e Leonardo" [**PFLC**, p. 34] – daí, cumulativamente, a sua referência aos "homens que em Portugal reflectem desde Antero, neste dramático mas tão sério esforço do pensamento pela verdade" [cf. **PFLCOT**, p. 50], daí ainda, a título de exemplo, estas suas palavras: "Quando pensamos no latejar de aspirações de conhecimento e de existência digna e justa existente em Portugal, os nossos olhos (esses nossos olhos íntimos da inteligência e da compreensão) voltam-se para Antero. Não para Camões, nem para o Padre António Vieira, nem para Verney, nem para Herculano, mas para Antero. E porquê? Simplesmente porque Antero tem um mistério que mais importa perscrutar e uma

2. Entre José Marinho e Fernando Pessoa

Apesar de, conforme o exposto, considerar Marinho que Antero ficou preso a uma concepção de absoluto ultrapassada – "como Unidade do ser enquanto ser" –, valoriza ele, ainda assim, a sua posição relativamente à de Pessoa – a título de exemplo, estas suas palavras: "Enquanto, porém, Antero permanece fiel ao absoluto e ao sentido da unidade profunda, perde-se Pessoa na pluralidade das formas do ser do homem e da Natureza. O primeiro é o Poeta da luz branca e inefável, o segundo anula o melhor da sua alma e das promessas do espírito no caleidoscópio multicor [sic]"[29].

A esse respeito, não podemos deixar de manifestar a nossa discordância. Relativamente a Pessoa, à perspectiva de Marinho sobre Pessoa, julgamos que o autor da **Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo** não lhe faz a devida justiça. E isso, essencialmente, porque o reduz a um mero "arauto da cisão extrema", ainda que "um dos mais lúcidos e implacáveis"[30] – consideramos, nessa esteira, estas suas palavras: "Aceita Fernando Pessoa a cisão com todas as consequências: cisão do homem da Natureza, cisão do homem de Deus, cisão do homem do próprio homem. É assim Fernando Pessoa um dos arautos europeus da 'cisão extrema', o que nele permite a recusa de toda a inspiração numa original poesia de baço fulgor"[31].

Aliás, Marinho chega a insurgir-se com a "admiração recolhida" por Pessoa, e por Antero, sobretudo em comparação com a recolhida por Pascoaes, e por Junqueiro – nas suas palavras:

> E não admira que sucessivamente Antero e Pessoa recolham a admiração, enquanto Junqueiro e Pascoaes são injustamente olvidados ou ignaramente aludidos. Os filhos desta época parcial e apressada recusam a responsabilidade de ligar o céu e a terra, o divino e o humano. Falta-lhes o sentido angélico ou o sentido cósmico. Por isso tanto gostam das sérias brincadeiras do heterónimo Caeiro com a mística e a metafísica, e com o sentido profundo que têm as formas de ser mais humildes[32].

---

luz que mais importa nos ilumine e esclareça." [**Ensaios**, p. 308]; "…diferente dos homens de intento meramente culturalista, seja Verney, seja Herculano, teve ele [Antero] o sentido da verdadeira actividade do espírito, aquela de que a filosofia não é uma peça, como a de um relógio, mas o conceito e a expressão universal" [**PFLC**, p. 17-18].

[29] **NISOT**, p. 574.

[30] Cf. **VCD**, p. 235.

[31] **VCD**., p. 203. No parágrafo seguinte, caracteriza ainda, Marinho, a personalidade de Pessoa como "profundamente cindida entre a luz e a treva". De resto, Marinho chegou a assumir essa sua falta de "gosto" por Pessoa – como escreveu num texto publicado no sétimo volume das suas "Obras": "Mas é exterior explicar à Fernando Pessoa, de que não gosto" [**LNOT**, p. 206].

[32] **NISOT**, p. 574. Num parágrafo anterior ao desta passagem, havia já Marinho defendido

A esse respeito, converge Marinho com Pascoaes. Se Marinho fala das "brincadeiras", ainda que "sérias", do heterónimo Caeiro, Pascoaes, na última entrevista que concedeu, publicada n'*O Primeiro de Janeiro*, em 25 de maio de 1950[33], afina a sua crítica pelo mesmo diapasão, reduzindo, nomeadamente, o poema *Tabacaria* a uma mera "brincadeira" – nas suas palavras:

> Veja a *Tabacaria*: não passa duma brincadeira. Que poesia há ali? Não há nenhuma, como não há nada… nem sequer cigarros!… Fernando Pessoa tentou intelectualizar a poesia e isso é a morte dela. É roubar o espontâneo à Alma Humana, isto é, o que ela tem de Alma Universal ou de poder representativo da realidade. Veja o poema (o poema?!) que começa "o que nós vemos das coisas são as coisas"… Isto não é poesia, nem filosofia, nem nada.

E, por isso, considerou-o igualmente como um "não poeta" – nas suas palavras: "Repare: não digo que foi mau poeta. Digo que não foi poeta, isto é, nem bom nem mau poeta. E se foi poeta, foi-o só com exclusão de todos os outros, desde Homero até ao nossos dias…" –, inclusive, como um mero "ironista" que, enquanto tal, não se deve tomar a sério –nas suas palavras:

> Considero, sim senhor, Fernando Pessoa um grande talento. Mais: afirmo que como crítico e como ironista não houve outro que o igualasse. Nem o Camilo nem o Eça, nem o Fialho (que, quando atingia o máximo da expressão, era superior ao Camilo e ao Eça). Mas depois veio Fernando Pessoa, e foi o mais genial de todos (tão genial, que o tomaram e tomam a sério, o que não aconteceu aos outros).

Pela nossa parte – confessamo-lo – tomamos Pessoa a sério. Tanto o tomamos que ousamos já, num ensaio da nossa autoria, publicado no quinto volume da *História do Pensamento Filosófico Português*, coordenada por Pedro Calafate[34], qualificá-lo como um filósofo, como o filósofo do "outro" (é esse, de resto, o título do ensaio: "Pessoa, o filósofo do 'outro'"): do "outro" do pensar, do humano, demasiado humano, pensar, desde logo, que sempre tende a ocultar a verdade, procurando a "síntese" ao invés de

---

que "a Antero faltou o sentido do liame sublime" – num outro texto, assegurou igualmente Marinho que "a Pessoa faltou, como falta a clássicos formais, ou modernistas informes, o sentido do que liga e separa" [cf. **TP**, p. 638].

[33] Republicada, mais recentemente, em T. Pascoaes, **Ensaios de Exegese Literária e vária escrita**: opúculos e dispersos, Lisboa, Assírio & Alvim, 2004, p. 249-253.

[34] **História do Pensamento Filosófico Português**, Lisboa, Caminho/ CFUL, vol. V, tomo 1, 2000, p. 153-165.

se contentar com o que há, "tese e antítese apenas"; do "outro" de todo o ser, dado que Pessoa procurou desmascarar a falsidade, a ilusão de tudo, da própria ilusão!…; do "outro" de si próprio, não fosse igualmente o seu "eu", todo o "eu", uma falsidade, uma ilusão, a falsidade, a ilusão à qual Pessoa procurou, porventura ilusoriamente, escapar, "outrando-se", criando outros "eus", os seus heterónimos; do "outro" de nós mesmos, enfim, enquanto povo, enquanto país, enquanto pátria…

É certo que Pessoa finge em todos os seus poemas – não fosse ele, enquanto poeta, confessadamente um "fingidor". É certo que Pessoa, em todos os seus poemas, mente – no entanto, como escreveu o autor da **Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo** a respeito da "mentira poética":

> Nada assinala melhor os equívocos do espírito do que a atitude do filósofo ante o poeta, quando aquele se apresenta como guardião da ciência, e olha o poeta como o fantasista quimérico. Se "sempre os poetas mentem", como dizem Platão e Aristóteles, dizem-no em alto plano como os que são "amantes de mitos" e de poesia, como os que sabem, embora por vezes também possam esquecê-lo, que a mentira poética encobre e exprime de certo modo aquela profunda sabedoria que a filosofia procura sempre vitoriosa, mas sempre vencida, mais directa e menos mentirosamente dizer[35].

Eis, na nossa perspectiva, a "grelha de análise" que Marinho deveria ter usado na sua interpretação da obra de Pessoa. Se o tivesse feito, poderia ainda tê-lo caracterizado como um "arauto da cisão extrema". Contudo, teria de imediato acrescentado que "o filósofo da cisão é, e porque o é, o filósofo da univocidade e do absoluto sem falha nem fissura" – conforme o que ele próprio escreveu a respeito de si enquanto filósofo, em jeito de advertência aos seus intérpretes[36]. Se o tivesse feito, teria pois defendido que Pessoa foi o "arauto da cisão extrema", ou seja, da "situação de extrema separatividade [do homem] em relação a Deus e à Natureza" e a si próprio[37], e porque o foi, o "arauto" da "união absoluta" entre a Natureza, o homem e "Deus", assim restabelecendo a "relação crucial": precisamente a relação entre "Deus", a Natureza e o homem… Se o tivesse feito, não estaríamos, contudo, aqui nós a dizer, como dissemos a respeito de Antero, que Marinho se tinha igualmente projectado em Pessoa, fazendo dele um seu "alter ego" ou fazendo de si ainda um outro "heterónimo" pessoano? Provavelmente, sim – mas essa seria uma "injustiça" nossa, tão-só nossa, não de Marinho.

[35] **TP**, p. 314.

[36] **Doc. III**, p. 161.

[37] Cf. **VCD**, p. 129 (n.1).

3. Entre José Marinho e Guerra Junqueiro

Apesar de, como confessou numa carta a José Régio, datada de 26 de Agosto de 1950, ter chegado a padecer de uma "junqueirianite aguda"[38], nunca, na nossa perspectiva, Marinho se projectou nele a ponto de com ele se identificar – tal como aconteceu, conforme o exposto, com Antero de Quental, tal como, conforme acabamos de sugerir, poderia ter acontecido com Fernando Pessoa. Deveu-se isso, porventura, ao fato de, em múltiplas passagens da sua obra, inclusive nos textos que expressamente lhe dedicou, Guerra Junqueiro aparecer enquanto par menor – nomeadamente, em relação a Sampaio Bruno e a Teixeira de Pascoaes. Assim, como veremos mais à frente, Junqueiro ora é visto como "precursor" de Pascoaes, ora enquanto "acompanhante" de Bruno, como seu "amigo e irmão espiritual"[39].

Em diversas passagens da sua obra, eis, com efeito, como Marinho apreende a obra de Junqueiro – a título de exemplo, atentemos nestas:

> A meditação de Junqueiro acompanha de perto a meditação de Bruno, o movimento de alma aparece similar nos dois íntimos amigos e irmãos espirituais, aqueles homens, sem dúvida, que contra todo o esperado e sabido, mais longe se adiantaram, desde o nosso abortado renascimento e antes da nova Renascença Portuguesa, pelos caminhos da meditação do homem e do seu universal destino; "…o filósofo de **A Ideia de Deus** e o poeta das *Orações* são aqueles propositores do difícil enigma e da imperiosa verdade cuja caminhada os homens da Renascença Portuguesa logo prosseguiram"[40]; "Lendo-o atentamente, cremos nele surpreender a cisão divina, o pecado original de Deus criador sob o pecado da criatura […]"; "…na vida espiritual portuguesa, tal qual foi, tal qual é, ele [Junqueiro] representa, com Sampaio Bruno, algo de grave entre o mais grave: a assumpção da negatividade"[41].

Segundo Marinho, eis a "tarefa" que ambos herdaram de Antero:

> […] o Absoluto ficaria neste nosso pensador crucial numa forma clássica, pretérita, como Unidade do ser enquanto ser. Para os poetas e pensadores sequentes, nomeadamente Guerra Junqueiro e ainda também Sampaio Bruno, transitaria a grave, a imensa dificuldade, se é bem certo que tudo quanto se concebe como unidade (toda a unidade resulta afinal aleatória) se devolve necessariamente não só à diversidade do idêntico, mas à multiplicidade ou à relação do uno-múltiplo insolúvel[42].

[38] Cf. **Cor.**, p. 156.

[39] Cf. **VCD**, p. 286.

[40] "Poesia e Verdade em Guerra Junqueiro". In: **NISOT**, p. 576-577.

[41] **VCD**, p. 287-288 (para todas as citações aqui coligidas).

[42] **VCD**, p. 54-55.

Ainda segundo Marinho, foi, contudo, Bruno quem, de fato, cumpriu essa "tarefa": "Sampaio Bruno é o nosso primeiro filósofo da negação e da negatividade […]. A sátira do seu grande amigo e convivente Guerra Junqueiro, se comparada à negação de Bruno e à visão que a consente, afigura-se-nos hoje, embora fundamente significativa, muito mais aleatória e episódica na forma que assumiu"[43].

Tal como na visão de Marinho, Junqueiro aparece menorizado relativamente a Bruno, o mesmo acontece relativamente a Pascoaes. Aliás, o autor da **Teoria do Ser e da Verdade** chegou a escrever que "o que principalmente me interessa na poesia de Junqueiro é o caminho que nela se abre, ou tão somente se entremostra, para alguma coisa que por todos os lados a excede: a poesia de Teixeira de Pascoaes" – mesmo que, logo de seguida, tenha ressalvado que "a poesia de Junqueiro não vale apenas como vestíbulo da poesia de Pascoaes, ainda que tal coisa não devesse ser desonrosa para poeta algum, pois quem se encontre nos caminhos que levam à verdadeira grandeza, em poesia como em filosofia, participa nela"[44]. Eis, de resto, a tese que Marinho reiterou em diversas da sua obra, nomeadamente ao defender, de forma expressa, que "a mais profunda herança de Junqueiro vai passar para Teixeira de Pascoaes"[45], a tese que o próprio Pascoaes validou, pelo menos indirectamente, ao ter assumido, na sua juventude, ter querido ser "um outro Guerra Junqueiro"[46].

Apesar desta visão mais desapaixonada, Marinho nunca deixou, porém, de considerar Junqueiro como um dos "homens verdadeiramente grandes do nosso país"[47]. Por mais que lhe tivesse faltado a "unidade interna da obra"[48], por mais que "o poeta tenha ficado muito atrás do filósofo"[49], foi Junqueiro, nas palavras de Marinho, "um daqueles poetas cada vez mais raros que ligam o céu à terra e nos forçam a olhar outra face matinal dos seres e das coisas"[50]. Teve, nessa medida, o que, conforme o exposto, tanto

[43] **VCD**, p. 88.

[44] Cf. **TP**, p. 256.

[45] Cf. **NISOT**, p. 557.

[46] Cf. "Guerra Junqueiro", em **Ensaios de Exegese Literária e vária escrita**, p. 46. Daí, ainda, nesta esteira, estas suas palavras: "Teria uns quinze anos quando li os versos de Junqueiro […]. Abriu-se em mim, de súbito, uma janela para a luz. Fiquei para sempre deslumbrado!" ["Duas Palavras (sobre Junqueiro)". In: ***A Águia*****,** n. 13-14, 1923, p. 55].

[47] Cf. **NISOT**, p. 559.

[48] Cf. ibid., p. 569.

[49] Cf. **VCD**, p. 288.

[50] Cf. "Guerra Junqueiro na hora do centenário". In: *Jornal Magazine da Mulher*, n. 4, Setembro de 1950.

faltou a Antero como a Pessoa – recordemos que, nas já aqui referidas palavras de Marinho, "a Antero faltou o sentido do liame sublime", "a Pessoa faltou, como falta a clássicos formais, ou modernistas informes, o sentido do que liga e separa". E por isso, com efeito, se insurgiu Marinho com o fato de "Junqueiro e Pascoaes serem injustamente olvidados ou ignaramente aludidos". Se Junqueiro foi "um daqueles poetas cada vez mais raros que ligam o céu à terra e nos forçam a olhar outra face matinal dos seres e das coisas", Pascoaes ainda o foi mais. Como de seguida veremos, Pascoaes foi, para Marinho, o grande Poeta do Enigma.

4. Entre José Marinho e Teixeira de Pascoaes.

Teixeira de Pascoaes foi, de longe, o poeta de eleição de José Marinho[51]. Eis, desde logo, o que podemos atestar lendo a sua dissertação de Licenciatura, *Ensaio sobre a Obra de Teixeira de Pascoaes*, onde escreveu, em jeito de conclusão, que "ele é depois de Camões o maior poeta de Portugal e um dos grandes poetas modernos sendo que, segundo nos parece, realizou com o *Regresso* [*ao Paraíso*] a obra mais afirmativa que se fez após o Fausto"[52].

Eis o que podemos atestar lendo o conjunto de textos que redigiu, entre a década de quarenta e os primeiros anos da de cinquenta, para um projectado livro sobre Teixeira de Pascoaes, intitulado **Pascoaes e a poesia do etéreo**, onde o afirma como "o primeiro poeta português"[53], como um

[51] De tal modo que, para além de Leonardo Coimbra, só a Pascoaes chamou Marinho de "Mestre" – nas suas palavras: "Sou, como se sabe, discípulo de Leonardo Coimbra, senão também de Pascoaes" [**FP**, p. 469]. Cf., igualmente, ibid., p. 409: "Pascoaes, para muitos de nós mestre da ciência poética."

[52] Cf. **TP**, p. 196. A posição cimeira de Camões é inamovível dado que, como escreveu José Marinho numa carta dirigida a Álvaro Ribeiro, "em Camões se acaba a nossa vida terrena e começa a nossa imortalidade" [cf. **Cor.**, p. 3.] No seu **Ensaio sobre a obra de Teixeira de Pascoaes**, havia defendido igualmente que "a solução de Camões é superior por ser mais universal" [cf. **TP**, p. 123]. Na sua obra **Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo**, irá, contudo, a respeito da temática da "Saudade", afirmar a superioridade da cosmovisão de Pascoaes relativamente à de Camões – daí, a título de exemplo, estas suas palavras: "Com a obra sábia por excelência, a obra clássica, aos nossos olhos barroca, feita para a fictícia eternidade da glória terrena da pátria e da humanidade, mas com uma simbólica terminal que as ultrapassa, queremos dizer n' **Os Lusíadas**, a saudade nada ou pouco tem que ver. Apenas no episódio de Inês de Castro ou no do Adamastor ela aflora, timidamente, como hóspede de circunstância. Que diferença abissal com Teixeira de Pascoaes, no qual a Saudade é não só musa excelsa mas deusa excelsa e gloriosa sem a qual nada se entende, nada do que para os homens é ou se diz Necessidade, nada do que se crê, se ama ou se pensa como liberdade e libertação!" [**VCD**, p. 224].

[53] Cf. **TP**, p. 247**.**

dos "raros sobreviventes de uma maravilhosa raça de homens ou de semi-deuses"[54], como um representante da "mais pura sabedoria do ocidente e do oriente"[55], cuja poesia "se situa no extremo processo agónico do cristianismo e anuncia entre sombras e contrastes a nova idade do ser e da vida sempre adiada, sempre presente"[56].

E, por isso, qualificou-o Marinho, em outros textos seus, como "o mais glorioso e irredutível dos nossos heterodoxos"[57], como "o novo arauto da velha heresia"[58], como "o mais genial vidente da nossa poesia, e sem dúvida dos mais geniais videntes que o nosso Ocidente viu"[59], escrevendo ainda, por ocasião da sua morte, as seguintes palavras: "Poesia prodigiosa e imensa, devemos-lhe uma parte da iniciação no sentido daquela difícil sabedoria de que os poetas visionários e os pensadores afins são, na Europa, os últimos representantes visíveis"[60].

A morte do autor do **Regresso ao Paraíso**, ocorrida a 14 de Dezembro de 1952, provocou, aliás, em Marinho, uma comoção similar à provocada pela morte de Leonardo Coimbra, bem expressa nas seguintes passagens:

> A morte de Pascoaes não é morte de homem. No entanto, sinto-me perturbado pelo desaparecimento deste ser estranho e singular que em vida tanto me intimidou […][61];
>
> Agora que, depois da morte de Leonardo Coimbra, morre também Pascoaes, ninguém resta para falar do que mais importa, ficando em cena apenas os que confundem filosofia com ciência ou cultura, e os que da poesia retêm afinal a expressão humana, angustiada ou desesperada, confiante ou esperançosa, temos nós de fazer das fraquezas forças[62].

Este paralelo é, de resto, tanto mais pertinente, porquanto, como o próprio José Marinho assumiu, foi o autor d'**A Alegria, a Dor e a Graça** que o iniciou na obra de Teixeira de Pascoaes – nas suas palavras:

---

[54] Cf. ibid., p. 216.

[55] Cf. ibid., p. 237.

[56] Cf. **TP**, p. 229. Daí ainda o dizer-nos, de forma expressa, que "sua universalidade, sua catolicidade, ultrapassam os limites da catolicidade efémera" [cf. ibid., p. 222] e, inclusivamente, o "cristianismo judaico" [cf. ibid., p. 255].

[57] Cf. ibid., p. 406.

[58] Cf. ibid., p. 377.

[59] Cf. ibid., p. 383.

[60] Cf. ibid., p. 397.

[61] **Doc. II**, p. 259.

[62] **Aforismos**, p. 120.

> Quando, há já mais de trinta anos, sob o influxo do magistério de Leonardo Coimbra, deixei penetrar a minha alma da música subtil e do sentido remoto da poesia de Teixeira de Pascoaes, começou um deslumbramento que não mais terminou. Mas talvez eu não devesse dizer que 'deixei penetrar a minha alma'. Não houve aí da minha parte nenhum consentimento. A verdade é que fui arrebatado, violentado, vencido […]. Com isso, começaram para mim […] dificuldades consideráveis[63].

Dessas "dificuldades consideráveis", sempre Marinho deu assaz expressivo testemunho – daí, a título de exemplo, estas passagens: "Enquanto homem, que ele só foi num já ter sido e num ainda para ser, Pascoaes confundiu-me e intimidou-me sempre."[64]; "Teixeira de Pascoaes intimida-me, como nenhum outro poeta de Portugal. Intimida-me o homem que desceu aos Infernos e fala com as sombras fantasmáticas e me forçou, com seu poder, a abandonar muitas das minhas humanas ilusões"[65]; "Pascoaes é um ser terrível e a sua poesia, uma coisa imensa e prestigiosa, tornou-se-me fonte de tormento. Quando penso nas dificuldades extraordinárias a vencer para dar dela uma ideia digna, interpretar qualquer outro poeta de Portugal torna-se uma brincadeira"[66]; "Tremo, ao tentar dizer alguma coisa sobre a sua poesia. Sofri nisto, sucessivamente, abertas derrotas. Teixeira de Pascoaes é, para mim, o poeta invencível"[67].

Mas – perguntamos enfim – a que se deve esta tão "funda impressão", em Marinho, desde logo da pessoa de Pascoaes – também nas suas palavras, "ele nunca foi para mim um homem, mas humano portador de alguma coisa a saber e a dizer"[68] – e, sobretudo, da sua poesia? Não apenas, decerto, ao fato de ser, como reiteradamente defendeu, uma poesia "autenticamente original" – como ressalvou, "no sentido mais puro, como Leonardo Coimbra assinalou: original porque vem da origem"[69]. Não apenas, igualmente, decerto, por ser "a poesia menos 'artista', a menos latina e ladina, a menos francesa"[70]. Também Guerra Junqueiro foi por Marinho considerado como

[63] **TP**, p. 218. Magistério tanto mais apropriado porquanto, segundo Marinho, era "Leonardo Coimbra, sem dúvida, o mais profundo conhecedor da sua obra" [cf. **TP**, p. 385; cf., igualmente, **TP**, p. 248]. Para além disso, ainda segundo Marinho, Leonardo e Pascoaes foram "irmãos" e, como tal, "inimigos, como sempre os irmãos são" [cf. **TP**, p. 392].

[64] **TP**, p. 406.

[65] Ibid., p. 330.

[66] **TP**, p. 398.

[67] Ibid., p. 401.

[68] Cf. ibid., p. 403.

[69] Cf. ibid., p. 243. Cf., igualmente, ibid., p. 289 e 398.

[70] Cf. ibid., p. 249.

"original" e "pouco, ou nada, artista"[71], e nem por isso, não obstante a sua assumida "junqueirianite aguda", o poeta das *Orações* causou, em Marinho, tão "funda impressão".

Tal tão "funda impressão" deveu-se antes, na nossa perspectiva, a uma série de intuições de Pascoaes – veremos já de seguida quais – que foram, para Marinho, motivo de meditação e consequente desenvolvimento filosófico. Para Marinho, aliás, a poesia, o "pensamento poético", é essencialmente isso: intuição[72]. Intuição, essa, que o filósofo, ou o próprio poeta já enquanto filósofo, irá depois desenvolver… A esse respeito, foi Pascoaes um poeta particularmente fecundo, fato que o próprio Marinho fez questão de frisar em diversas passagens da sua obra – a título de exemplo, atentemos nestas: "É verdadeiramente extraordinário notar como o que em filosofia é, em geral, tão difícil de alcançar, se encontre no nosso Poeta gratuitamente dado e se apresente desde início. Pascoaes não tem de esperar a visão amadurecida"[73]; "Nele, como nos visionários e sutis pensadores da sua estirpe, o mais distante torna-se o mais próximo, o mais oculto é o mais patente […]"[74].

Eis, desde logo, o que aconteceu com a intuição pascoaesiana da "inconsciência do ser criador" – nas suas palavras:

> A visão central do *Verbo Escuro* é a intuição central da obra de Teixeira de Pascoaes. Posso falar neste ponto com segurança inteira porque essa intuição é comum ao poeta e ao intérprete. E posso dizer hoje que toda a minha dificuldade no estudo do pensamento de Leonardo Coimbra nasceu e ficou neste ponto. O poeta e o filósofo contrapõem-se aqui de todo a todo. Para Leonardo Coimbra o ser é criação. Deus é imediatamente criação, a queda é posterior à criação. Para Teixeira de Pascoaes, a criação é uma forma extrínseca do ser de Deus como ele pode revelar-se no homem, que é, ele próprio, criador iludido no seio da ilusão[75].

Daí ainda o dizer-nos, a esse respeito, que "esta ideia sobre a inconsciência no ser criador é uma das intuições fundamentais do poeta (intuição aliás a que eu mesmo cheguei e por isso a logrei perscrutar no âmago da poesia do poeta e explicitar intelectualmente)"[76].

---

[71] Cf. **NISOT**, p. 558.

[72] Cf. **TP**, p. 111: "Não pensamento perfeito, mas pensamento como é o do poeta – intuição.".

[73] **TP**, p. 282.

[74] Ibid., p. 386.

[75] **TP**, p. 266.

[76] Cf. ibid., p. 300.

E que intuição é, no fundo, essa? Simplesmente, esta – nas palavras do próprio Marinho: "o ser, enquanto é, ignora-se"[77]. Eis, precisamente, a intuição que Marinho irá depois desenvolver, determinando a sua "doutrina cumulativa da visão unívoca e da cisão" –nas suas palavras: "O ser enquanto ser é sem verdade./ O ser para assumir a verdade de si torna-se outro: cinde-se."[78]. E, por isso, num artigo publicado, no *Diário de Notícias*, em 24 de Janeiro de 1963, é Pascoaes por Marinho qualificado como o "poeta da visão unívoca" – é esse, de resto, o título do artigo. E, por isso, nos disse também nesse artigo que "talvez a mais profunda descoberta do Poeta fosse a verdade funda de que Deus é o único autêntico ateu e de que o ateísmo sempre impossível mas maravilhoso é o centro da visão unívoca". Tivesse sido ou não essa "a mais profunda descoberta do Poeta", foi, no entanto, nela que Marinho fundou a sua **Teoria do Ser e da Verdade**. Esta obra, a sua obra teorética de maior ambição, publicada em 1961, não faz mais, com efeito, do que desenvolver, até ao mais extremo limite, esta "descoberta", esta "intuição": o ser pleno, "Deus", não é para si, é, literalmente, ateu; por isso, ele de si se cinde[79].

Nos textos expressamente dedicados a Pascoaes, podemos, aliás, encontrar, uma série de teses que Marinho irá depois retomar, e extremar, na sua **Teoria do Ser e da Verdade** – a título de exemplo, atentemos nestas: "O nosso ser é cisão, é separação […]"[80]; "O que separa liga, o que liga, separa"[81]; "Relação de cada ser com o absoluto. É logo imediato. Cada ser é, em carência, todo o ser […]. Ser separado da origem, eis o motivo de toda a dor e da morte […] por outro lado, porém, nada é separado da origem, tudo está vinculado estreitamente a Deus"[82]; "Cisão supõe, com a ruptura que se diz cisão, aquilo que se cinde e o resultado da cisão. Ora, é evidente que no homem haja alguma memória ou reminiscência e saber do que antecedeu a cisão. Eis o que chamamos absoluto. Aí nenhuma verdade é procurada porque o absoluto só tem sentido como plenamente claro para si [...]. Pois agora advém que a cisão é como um realíssimo engano. Tudo se passa como se, ao cindir-se, o absoluto deixasse de ser pela cisão. Realmente, ele, ao cindir-se, permanece inalterável"[83].

[77] Cf. ibid., p. 269.

[78] **Doc. II**, p. 266. Cf., igualmente, **SVM**, p. 447: "todo o ser autêntico é para nós o que se diferencia ou o que só [se] apreende e compreende na medida em que se diferencia".

[79] Ver, a este respeito, em particular, todo o primeiro capítulo da **Teoria do Ser e da Verdade**.

[80] **TP**, p. 394.

[81] Ibid., p. 396.

[82] **TP**, p. 316.

[83] Ibid., p. 516.

Com efeito, toda a "dívida" de Marinho para com Pascoaes, "dívida" essa que, honra lhe seja feita, Marinho expressamente assumiu – daí, a título de exemplo, estas suas palavras:

> Durante alguns anos, eu, como a muitos outros tem acontecido em nossos dias, dentro e fora de Portugal, fui acusado de metafísico e a acusação entendia-se neste sentido: de que eu, e outros, desatendíamos o Tempo e o Homem para nos referirmos incessantemente à Eternidade, a Deus, ao Absoluto. Pois bem, no momento em que assim me acusavam, eu fazia justamente o caminho contrário. Descobrira que só é possível encontrar o sentido da Eternidade pelo aprofundamento do sentido do Tempo e que Deus só se revela plenamente a quem cumpriu a sua humanidade, descobrira que se o Absoluto, como firmemente creio, e o Poeta crê comigo, está para além de toda a relação, é necessário viver e pensar a relação plenamente para o sentido do Absoluto, passar da ideia abstracta, que é menos ideia, para a ideia concreta, que é plenamente ideia./ Se vos falo desta experiência é para vos tornar compreensível a luz súbita que recebi de Pascoaes, e que veio, sob um certo aspecto, confirmar a iluminação gradual que me veio do estudo da obra de Leonardo Coimbra[84].

A esse respeito, Marinho não poderia ter encontrado melhor Mestre. Em Pascoaes, o Absoluto é, simultaneamente, o mais distante – o para além de toda a relação – e o mais próximo – o verdadeiro ser de todo o ser. E, por isso, como o próprio Marinho reiteradamente referiu, foi, de fato, Pascoaes um "poeta da natureza"[85], um "poeta cósmico"[86], "de mais amplo e abissal sentido cósmico"[87], um poeta "panteísta"[88], sendo o seu panteísmo "produto duma comunhão íntima com os seres"[89] – nessa medida, um poeta "profundamente terrestre sem pertencer à terra"[90], um "poeta materialista no sentido mais fundo do termo"[91], dado que vê em toda a matéria a presença do "espírito", do próprio "ser absoluto ou Deus". Daí, aliás, também nas palavras de Marinho, todo o Enigma: "Sob um aspecto, Natureza e homem são intrínsecos a Deus. Mas este Deus que tudo abrange e que a tudo quanto

[84] Ibid., p. 391.

[85] Cf., **TP**, p. 199: "Pascoaes, poeta da Natureza". Cf., igualmente, ibid., p. 48: "Em quase todas as poesias encontramos o poeta identificando-se com a natureza".

[86] Cf. ibid., p. 59.

[87] Cf. ibid., p. 243.

[88] Cf. ibid., p. 193.

[89] Cf. ibid., p. 59.

[90] Cf. ibid., p. 221.

[91] Cf. ibid., p. 229.

existe confere o ser próprio e perfeito, esse não podemos nós ver"[92]. Mais do que isso, todo o Mistério… Mas isso foi algo que o próprio Marinho só veio depois a descobrir, ainda e sempre iluminado por Pascoaes – nas suas palavras: "Ao contrário dos anos juvenis, sabemos hoje que o mistério tem de permanecer imaculado ao penetrar-se"[93]. Daí enfim, porventura, a superioridade da palavra poética: só por ela se preserva o Mistério.

Referências

AA.VV. **História do Pensamento Filosófico Português**. Lisboa: Caminho/ CFUL, vol. V, tomo 1, 2000.

COIMBRA, Leonardo. **Obras de Leonardo Coimbra**. Porto: Lello, 1983.

MARINHO, José. **Aforismos sobre o que mais importa**. Obras de José Marinho, vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994.

_____. **Elementos para uma antropologia situada**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

_____. **Ensaios de aprofundamento e outros textos**. Obras de José Marinho, vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1995.

_____. **Estudos sobre o pensamento português contemporâneo**. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981.

_____. **Filosofia**: ensino ou iniciação? Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

_____. **Filosofia portuguesa e universalidade da filosofia e outros textos.** Obras de José Marinho, vol. VIII. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2007.

_____. **Da Liberdade Necessária e outros textos**. Obras de José Marinho, vol. VII. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006.

_____. **Nova Interpretação do Sebastianismo e outros textos,** "Obras de José Marinho", vol. V, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

[92] Cf. ibid., p. 322.

[93] Cf. ibid., p. 402.

_____. **O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra**: introdução ao seu estudo. Porto: Livraria Figueirinhas, 1945.

_____. **O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra e outros textos.** Obras de José Marinho, vol. IV. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001.

_____. **Significado e Valor da Metafísica e outros textos**. Obras de José Marinho, vol. III, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996.

_____. **Teoria do Ser e da Verdade.** Lisboa: Guimarães Editores, 1961.

_____. **Teixeira de Pascoaes, Poeta das Origens e da Saudade**. Obras de José Marinho, vol. VI. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

_____. **Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo.** Porto: Lello & Irmão Editores, 1976.

PASCOAES, Teixeira de. **Ensaios de Exegese Literária e vária escrita**: opúculos e dispersos. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

RIBEIRO, Álvaro. **As Portas do Conhecimento:** dispersos escolhidos. Lisboa: Instituto Amaro da Costa, 1987.

_____. **A Literatura de José Régio**. Lisboa: Sociedade de Expansão Cultural, 1969.

RIVERA**,** Jorge Croce**. A meditação do tempo no pensamento de José Marinho**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Lisboa, UL, 1989.

_____. **A Doutrina do Nada**: o pensamento meontológico de José Marinho. Tese (Doutorado em Filosofia). Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1998.

Renato Epifânio
Entre o pensar poético e o pensar filosófico: José Marinho e os poetas
Submetido em: 2016-03-31
Aprovado em: 2016-05-31